

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

**A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS NA ESCOLA VINICIUS DE
MORAES**

ACADÊMICA: PRICILA DA PENHA DE OLIVEIRA DIGLIO

pricilaod@hotmail.com

ORIENTADORA: PROFA. Esp. TATIANE FERREIRA GARCIA

COLNIZA/2014

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS NA ESCOLA VINICIUS DE
MORAES**

AUTORA: PRICILA DA PENHA DE OLIVEIRA DIGLIO

ORIENTADORA: TATIANE FERREIRA GARCIA

*Trabalho apresentado como requisito para
aprovação na disciplina de Fundamentos
Metodológicos De Ensino E Pesquisa do curso
de Pós-graduação em Psicopedagogia*

COLNIZA/2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, a força para encarar obstáculos, e ser uma vencedora. Agradeço também aos meus pais que me ajudaram muito nesta caminhada, aos meus filhos pela compreensão da minha ausência, aos colegas de profissão que me incentivaram na finalização desta etapa, a todos aqueles que de alguma forma teve influencia neste caminhar.

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, esposo, pais e irmãos que me estenderam a mão nos momentos difíceis durante esta longa caminhada em busca da realização de um sonho.

EPÍGRAFE

“O que mais me surpreende na humanidade são os homens... Porque perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido”.

(Dalai Lama)

RESUMO

O presente estudo foi realizado na escola estadual Vinicius de Moraes do município de Colniza com a finalidade de analisar as dificuldades de aprendizagem dos alunos pertencentes a uma turma do quarto ano. A referente pesquisa mostra que diversos são os fatores que influenciam na vida escolar dos educandos, e que nós educadores precisamos ter a noção de alguns sintomas apresentados pelos alunos, a fim de podermos intervir. Durante a realização da pesquisa foi possível detectar que alguns alunos mostravam desinteresse pelas atividades, dificuldade de concentração e indisciplina. Para que estes alunos pudessem desenvolver as atividades satisfatoriamente foram realizados momentos lúdicos, como contação de história, jogos, gincanas, cartazes para leitura entre outras atividades. Durante a realização da pesquisa foi possível observar que os alunos participavam das atividades e assimilavam os conteúdos aplicados as dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos não podem ser ignoradas, passadas a frente, mas sim buscar meios que permita o aluno a desenvolver prender de acordo com o esperado para a sua idade e fase. A pesquisa foi no sentido de observar as dificuldades da turma e oferecer recursos pedagógicos para que estes alunos participem das atividades que se envolvam na construção da sua própria aprendizagem. Sabemos que as dificuldades de aprendizagem requerem um olhar diferenciado, um fazer pedagógico diferente, portanto trabalhar com as dificuldades de aprendizagem é algo difícil, pois requer criatividade, perseverança e envolvimento em relação professor/aluno.

Palavras-chave: aprendizagem, família-escola, confronto e fazer pedagógico.

SUMÁRIO

[TG1] Comentário: Alinhar os numeros

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO 01: A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	10
1.1: LINGUAGEM ORAL E ESCRITA.....	12
CAPÍTULO 02: FATORES QUE INFLUENCIAM PARA AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	15
CAPÍTULO 03: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O FAZER PEDAGÓGICO.....	26
3.1: A MATEMÁTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES:.....	30
CONCLUSÃO.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	33

INTRODUÇÃO

A educação é essencial para o desenvolvimento humano, e a nossa constituição a LDB, lei de diretrizes e bases da educação coloca que esta é direito de todos, sendo esta instituída para que o indivíduo tenha um amplo desenvolvimento, estando preparada para o exercício á uma vida cidadã e para o mercado de trabalho, a família, o estado e a sociedade devem garantir este direito. Sabemos que a educação hoje teve grandes evoluções, principalmente no que tange ao acesso, no Brasil temos um grande número de pessoas idosas analfabetas, se olharmos a um tempo não tão distante quanto ao acesso universitário, identificaremos que somente os que tinham mais acesso aos bens materiais possuíam cursos superiores.

A quantidade de alunos que não apresentam um desenvolvimento considerável para sua fase é alarmante, muitos alunos não aprendem a ler até os oito anos e avançam a outras fases sem conseguirem uma alfabetização que permitem avançar de acordo com o esperado. As dificuldades de aprendizagens relatadas nesta pesquisa mostram o desenvolvimento de uma turma do quarto ano da escola Vinicius de Moraes situada no bairro bela vista do município de Colniza, esta escola é uma escola estadual que funciona nos três períodos, matutino, vespertino e noturno. Os alunos têm a idade de 09 a 10 anos de idade, estão na fase certa para a idade, porém, alguns alunos tiveram progressão inadequada, uma vez que estes não estão alfabetizados.

Para a realização da pesquisa os alunos foram observados a fim de perceber suas dificuldades e o interesse nas realizações das atividades podendo assim ter as intervenções pedagógicas. Realizamos a observação da turma e identificamos os casos de dificuldades de aprendizagem, após veio à necessidade de pesquisar, dialogar com colegas e coordenação a fim de encontrar formas, recursos pedagógicos que envolvessem estes alunos. Diversas atividades lúdicas foram desenvolvidas, jogos, dinâmicas, leituras, gincanas entre outras atividades para estimular o gosto pela escola e assim construir o aprendizado destes alunos com duração de três meses, tendo a necessidade de observação e intervenção quando necessário.

A finalidade da pesquisa era detectar os problemas de aprendizagem e analisar se através de recursos diferentes, atividades lúdicas aumentariam o interesse e consequentemente a aprendizagem. Os objetivos foram alcançados, não no sentido de afirmar que nesse pouco tempo estes alunos foram alfabetizados, mas que estes alunos estão desenvolvendo, gostaram das atividades diferenciadas, participaram e demonstraram prazer em estar na escola.

A presente monografia traz o conhecimento das causas que provocam dificuldades de aprendizagem, nos oferecendo maior conhecimento, e sendo também um aparato de reflexão, o mesmo não explica as dificuldades da turma por um único fator, e por isso analisamos com a pesquisa os diversos, chegando à conclusão que escola e família terão que achar uma solução, ao invés de um culpado.

A presente monografia esta dividida em três capítulos, sendo o Capítulo I - À Aprendizagem e o Desenvolvimento Social, consiste da importância educacional e a relação de confronto entre famílias populares e escola. No Capítulo II - Fatores que Influenciam para as dificuldades de Aprendizagem – busca tratar dos problemas apresentados pelos alunos, como falta de concentração, exibicionismo, indisciplina, timidez e outros, desta forma o mesmo expõe o pensamento de alguns autores que tratam fatores que podem influenciar na aprendizagem do aluno. O capítulo III - O processo de aprendizagem e o fazer pedagógico, trata-se da aprendizagem em relação em fazer um pedagógico diferenciado, buscando valorizar a necessidade de cada aluno, o mesmo apresentando algumas atividades que possam contribuir para o desenvolvimento, essas atividades foram analisadas teoricamente, buscando pensadores que falam da criatividade, envolvimento, relação professor/aluno e a ludicidade como forma prazerosa de aprendizagem.

CAPITULO I

1. A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O individuo é um ser que esta em constante desenvolvimento, ao longo da vida temos condições de termos diversas experiências que nos permite conhecer algo. A criança desde que nasce começa a descobrir o mundo a sua volta, a sentir através dos órgãos do sentido o ambiente que a cerca, ela vai desenvolvendo fisicamente e cognitivamente, a relação que a família estabelece com a criança é fundamental, pois a criança conforme Vigotsky é um sujeito social que se desenvolve na relação com os outros. Para Vygotski (1998, apud ROJAS 2008, P.49)

[...] A Aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente.

Percebe-se na ideia do autor que a aprendizagem da criança se inicia muito antes dela ir à escola, a interação com o outro, no processo definido por ele sócio-histórico-cultural. E é por este fator que quanto melhor à atenção, os cuidados, o carinho, o diálogo melhor será o seu desenvolvimento.

A criança quando chega à escola ela já tem certo conhecimento do mundo, a leitura que ela faz das coisas que a cerca, e a noção que elas têm do mundo é fundamental para o início do trabalho escolar. Ferreiro (1999, p.47) afirma que: “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola”.

Desta forma a criança mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização ela já tem noção de escrita, percebe em seu meio que as pessoas escrevem e lêem que há uma comunicação de como se escreve e se lê. Ferreiro ressalta a importância de valorizar a escrita inicial do aluno, as representações gráficas iniciais, pois elas representam a fase que a criança se encontra nesse processo de

construção, implicando nas formas mecanizadas das quais fomos alfabetizados, um olhar diferenciado do educador como mediador compreendendo o processo da alfabetização e a importância de respeitar o desenvolvimento da criança de acordo com a sua fase.

A criança que é tratada com amor, que realiza diversas brincadeiras, manipula diferentes objetos em suas construções que vivencia um ambiente favorável ao mundo infantil terá melhores condições de se desenvolver dentro das possibilidades esperadas para sua fase. Para Vigotsky (1896-1934, apud Cardoso 2012 p.18),

Saber das relações entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado implica determinar pelo menos dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. O primeiro nível, o real, trata do que a criança já sabe; o segundo potencial, demonstra a capacidade que uma criança desenvolve de resolver um problema com a ajuda alheia. A ideia do autor é mostrar que é possível explorar ao máximo o potencial dos aprendizes, por meio da cooperação.

Os educadores devem buscar meios de aguçar o interesse dos alunos, aproveitando o conhecimento real, ajudando a resolver problemas que eles ainda não conseguem resolver sozinhos, no entanto queremos que esses conhecimentos possam se tornar real para o aluno.

A educação ao longo do tempo teve transformações, e em relação à idade que a criança começa a frequentar a escola é um ponto a ser observado, as crianças da classe popular entravam na escola aos sete anos e hoje muitas iniciam nas creches pequenos a grande maioria entra na educação infantil aos quatro anos, participam de um ambiente que permite socialização, desenvolvimento motor e cognitivo, através de atividades que aguçam o prazer do mundo infantil, valorizando o brincar, a contação de histórias, o manuseio de livros, a exploração do ambiente escolar e as relações estabelecidas com outras crianças e com o educador que media o fazer pedagógico.

Para falarmos de aprendizagem é interessante definirmos a palavra, o que é aprender, e segundo Kury Gama 2001, aprender significa adquirir o conhecimento de ficar sabendo, guardar na memória, adquirir experiência, tirar proveito, instruir-se.

Rocha Drouet (2001, p.09) assinala que “existem sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, seja qual for a teoria de aprendizagem considerada: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção, memória

”. A mesma fala da prontidão, ou seja, estar preparado para o aprender, e segundo ela a criança esta pronta quando desenvolve um conjunto de condições, habilidades e aptidões consideradas pré-requisitos para o início de qualquer aprendizagem.

Nesse contexto a prontidão seria um nível suficiente de preparação para a aprendizagem, a capacidade específica para realizar determinadas tarefas, as diferenças individuais apresentadas pelos alunos, seriam na verdade diferenças na prontidão para aprender.

Emília Ferreiro relata à prontidão as capacidades relacionadas à discriminação visual e auditiva, à lateralidade, o raciocínio lógico e a coordenação motora são importantes para o desenvolvimento global das pessoas, mas não estão diretamente relacionados à leitura e a escrita.

1.1 LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Falar da linguagem oral e escrita é fundamental, pois para tratarmos das dificuldades de aprendizagem é necessário pensarmos na linguagem oral e escrita como essencial ao relacionamento e compreensão do mundo que nos cerca, a comunicação faz parte da vida de todos nós, para isso usamos a linguagem oral e escrita, gestos, expressões, imagens fazem parte da nossa interação com o mundo, conforme a nossa necessidade que organizamos a fala e a escrita.

Para tratar da linguagem e o processo pelo qual a criança passa até ser alfabetizada Emília Ferreiro e Ana Teberosky tem grande relevância, pois estas autoras apresentam em sua obra a psicogênese da escrita um amplo destaque para a formação do educador, levando os a compreender as fases da criança no processo da construção da escrita e da leitura, e sua contribuição é para a valorização de cada fase, aceitando as produções que as crianças fazem de acordo com a fase em que se encontram na escrita.

De acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky, 1979, a criança passa por quatro fases até a sua alfabetização. São estas, pré- silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

Pré-silábico: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada.

Silábico: interpreta da sua maneira, atribuindo valor a cada sílaba.

Silábico- alfabética: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de cada sílaba.

Alfabética: domina o valor das letras e sílabas.

Para Ferreiro & Teberosky (1985, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polemica entre dois tipos fundamentais; método sintético e método analítico.

O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente (Ferreiro & Teberosk 1985 p. 19)

De acordo com Cardoso 2012, conforme as nossas necessidades vão surgindo formas estáveis de enunciado, padrões de estruturas de textos que são definidos como gêneros do discurso. Para a autora conhecer diversos gêneros textuais faz parte da construção da cidadania. Em acordo com Cardoso trabalhar diferentes gêneros na escola é uma rica oportunidade para formar um leitor, que interpreta e compreende as diferenças conforme os tipos de enunciado.

A criança mesmo sem estar alfabetizada necessita estar em contato com o mundo da leitura e da escrita, o educador deve ler para a criança, propiciar atividades que ela participa da construção da sua própria aprendizagem. Segundo Ferreiro (1993, p. 39 apud Brandão ET AL 2011). [...]

Não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser

respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem-nos mais diversos objetos.

A criança necessita vivenciar inicialmente essa magia, que envolve a descoberta da leitura e escrita, e a escola para muitas delas é o início deste processo de desenhar de escrever, de entrar em contato com a leitura, com os contos infantis e a representação gráfica. Importante salientar que a criança representara a escrita de forma espontânea, com riscos, bolinhas e outras formas, o educador precisa aceitar e valorizar esta escrita e motivá-las a escrever, pois este é inicialmente a forma que ela consegue representar à escrita e esse processo é importante para a construção do processo de alfabetização.

Cardoso 2012 fala sobre Emília Ferreiro, com base na teoria construtivista da aprendizagem. Houve a reformulação do olhar sobre a criança. A criança é vista como um receptáculo de estímulos que reage imitando e seguindo reforços positivos, passa a ser compreendida como agente do processo de aprendizagem, capaz de construir seu conhecimento por meio da interação com as pessoas, com os objetos e com o meio em que vive. De acordo com Emília Ferreiro é possível dizer que o educador deve buscar meios concretos para que a criança participe e assimile outras formas de aprendizagens, que vão além de uma organização de carteiras em filas e lápis e borracha.

Segundo BECKER 2009, pg 01.

Construtivismo é a ideia de que nada está pronto, acabado, e de que especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado, ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais e se constitui por força de suas ações e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos pensamento.

Levando em consideração o que diz BECKER esta corrente visa formas diferenciadas para a aprendizagem do aluno, procuram valorizar o sujeito como alguém capaz de interagir no meio, através das relações estabelecidas ele está se desenvolvendo, sendo assim o aluno não é um receptor, mas sim alguém que manipula o objeto, que participa que experimenta.

CAPITULO II

FATORES QUE INFLUENCIAM PARA AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem é um dos assuntos que permeiam as salas de professores, os mesmos relatam casos de alunos que não conseguem ler, interpretar e escrever corretamente, esse assunto é difícil de ser tratado, pois não há somente uma causa que explica as dificuldades de aprendizagem. Segundo Ramos 2011, os problemas para este fator podem estar ligado a causas sociais da família, ou patológicas como desvio de atenção (dislexia), ou ainda por um método insuficiente utilizado para a criança que apresenta dificuldade, pois cada indivíduo é um ser único e precisa ser tratado em suas individualidades é importante que ofereça recursos diferenciados para identificar se o aluno aprende de forma diferenciada, pois em alguns casos a dificuldade do educando está relacionada com a metodologia utilizada pelo educador e todos esses pontos citados são desastrosos para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Segundo CORREIA 2007, dificuldade de aprendizagem é definida por vários termos, entre elas: lesão cerebral, disfunção cerebral, dislexia, distúrbios de aprendizagem, dificuldades perceptivas, dificuldades de linguagem e outras. A escola e a família devem estar em constante comunicação para que juntas possam obter pontos positivos em relação ao aprendizado da criança.

Quando a criança apresenta dificuldades de aprendizagem, na maioria das vezes os educadores logo analisam a organização familiar, chegando muitas vezes a conclusões que o problema é devido as causas sociais, neste sentido (Muller e Paixão 2006, p. 19) ressaltam que:

As relações produzidas pela escolarização colocam fase a fase seres sociais cujas práticas socializadoras são muito diferentes, até contraditórias, entretidas por lógicas antinômicas: de um lado, os professores, cujas lógicas educativas fazem parte daquilo a que se chama “modo escolar de socialização”, de outro as famílias populares, com lógicas socializadoras estranhas àquelas outras. A questão da socialização, da confrontação das lógicas populares e pedagógicas encontra se no centro mesmo das relações, nas quais o que esta em jogo é o conjunto das práticas

[TG2] Comentário: Verificar se esta citação é correta aqui ok, verdade mudei para o capítulo que trata as dificuldades de aprendizagem.

socializadoras das famílias. Por intermédio dos alunos comportamento, atenção, desatenção, adesão às regras da escola, tipo de vestuário, objeto de conversas em sala de aula etc. os professores vão criando uma representação das práticas e do modo de vida das famílias.

Em conformidade com as autoras percebe-se que as práticas familiares no que tange ao desenvolvimento na escolarização e quanto ao seguimento das regras estabelecidas apresentam-se principalmente quando o aluno não está atingindo os objetivos dos educadores, busca-se uma série de oposições entre famílias populares e professores, referente à maneira de viver, de se relacionar com a criança, de educá-la. Baseado em Miller e Paixão as relações entre escola e famílias populares é o que se pode chamar de confrontação desigual, pois a escola padroniza um modelo de aluno e quando o aluno desta classe não corresponde às expectativas escolares os educadores tendem a construir julgamentos do meio familiar, relacionando a suas percepções negativas a não aprendizagem dos discentes.

Segundo Miller e Paixão 2006, a forma escolar é uma relação específica no sentido que é uma relação pedagógica, com a finalidade de educar, por intermédio de atividades que provoca formação das mentes e dos corpos, aprende-se por meio de exercícios concebidos para fins exclusivos de aprendizagem. Quando se trata de atos disciplinares, os pais sentem dificuldades, pois estes corrigem seus filhos nas ações que eles praticam quando estão por perto, ou seja, estão presentes fisicamente com o filho. Quanto às regras escolares os pais das classes populares demonstram segundo a autora pouca contribuição, pois devolve aos professores a função de vigiar, isto acontece de acordo com a autora por falta de um ato educativo que internaliza regras de segurança, de moral, capaz de ultrapassar a repressão de serem utilizados pelo aluno mesmo longe de seus pais.

De acordo com (Miller e Paixão 2006) as escolas valorizam práticas que dão menos importância ao controle e a vigia, porém as crianças autônomas são capazes de comportar-se por conta própria, agindo conforme as regras da escola, e, de maneira mais ampla social. Os pais das classes populares sentem-se perdidos para ajudar nesta autonomia, pois a sua ação educativa é a de castigos corporais, a própria criança na escola descobre outro modo de autoridade, outros princípios de legitimidade dos adultos, podendo questionar a autoridade parental. Baseado em

Silva 1997, não há um desinteresse das famílias populares na escolarização de seus filhos, mesmo que estes não se apresentem na proporção que os professores gostariam, os pais são imprescindíveis na vida social dos filhos no ambiente escolar.

Baseando em Miller e Paixão 2006, os pais das classes populares valorizam as atividades pedagógicas que eles classificam como sérias, ou seja, realizadas na sala de aula, como leituras, escritas, interpretação e cálculos, aquelas como passeio dito como educativos, a arte, as excursões [...] pertencem à categoria do lazer, do divertimento ou do jogo e não se inscrevem na lógica de “seriedade”, que permite conseguir “algo” na vida.

Expor atividades diferenciadas que provocam prazer, para muitos pais não apresentam a mesma eficácia das atividades em sala de aula com o uso da escrita, leitura e o uso do quadro negro, a visão de aprendizagem que eles acreditam que irá ajudar os seus filhos a desenvolver habilidades para a competição do mercado de trabalho é a mesma forma do ensino tradicional, formas mecanizadas, pois para eles o ensino é seriedade, sentem dificuldades de compreender atividades lúdicas que proporcionam prazer e desenvolvimento.

Os educadores segundo Miller e Paixão esperam que os pais ajudem seus filhos em casa, esperando bons resultados das tarefas para casa, os alunos que realizam essas atividades levam bons resultados aos professores que analisam que a família em um papel fundamental é interessada na vida escolar do aluno, por isso obtém relação positiva, de outro lado o aluno que não apresenta bons resultados nas atividades de casa é percebido que a família é desinteressada, ausente da vida escolar de seu filho. Desta forma alunos e pais são avaliados pelos professores e sociedade.

Paín (1985 p.33, citado por Lima 2008) coloca que “o fator ambiental é especialmente determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem, na medida em que nos permite compreender sua coincidência com a ideologia e os valores vigentes no grupo”..

A escola Vinicius de Moraes está localizada no bairro Belo Vista e o nível social das famílias é diversificado, grande parte da população trabalha na serraria, sendo que este é um dos principais trabalhos da cidade. O modo de gestão é democrático

e o diretor vem discutindo formas de vencer as dificuldades de aprendizagens, pois este problema não é só desta turma. A escola é uma escola grande que atende os três períodos uma média de 700 alunos, mas há somente uma coordenadora para a demanda do primário, então por mais que se tenha vontade de ajudar, não consegue. Segundo (SILVA 1997,p. 35)

Há uma corrente que afirma que o coordenador pedagógico é professor dos professores, portanto faz se necessário a sua presença nas escolas a fim de orientar e assistir os professores, fornecendo a sua contribuição para o bom desempenho escolar dos alunos, e também a integração de todo o processo educativo.

O coordenador tem a função de ajudar, assessorar os professores, e por isso este deve ser bem preparado, apresentar um diferencial para contribuir com metodologias que façam diferença no trabalho com os alunos, a escola até o momento não tem professora articuladora todos os problemas de dificuldades de aprendizagens acaba por ficar exclusivamente sobre a responsabilidade do professor.

Os alunos observados demonstram certo desinteresse e indisciplinas. Esses alunos não conseguem ler e nem escrever, não reconhece números até 100. A idade deles está adequada para o quarto ano, mas o desenvolvimento desses está inadequado para o nível esperado dessa fase. Esse fator ocorreu por desinteresse pela escola, falta de participação da família e principalmente pela falta de motivação na realização de recursos pedagógicos diferenciados para que estes alunos experimentassem outras formas de apresentação dos conteúdos, como atividades lúdicas. Há alunos que desenvolvem normalmente com qualquer metodologia utilizada pelo educador, outros necessitam de recursos mais elaborados, como jogos, dinâmicas, jogos de memória, entre outros.

Os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem são crianças que demonstram baixa autoestima, desinteresse pela escola, dificuldade de concentração, descumprimento das regras da escola, agressividade entre colegas, exibicionismo e em alguns casos timidez, neste último pouca participação nas atividades e pouco contato com os colegas. Para analisar teoricamente estes problemas apresentados por esta turma (Silva, 1997 no livro aprendizagens e problemas, p.57) destaca que:

O aluno tenso, ansioso, perturbado emocionalmente por qualquer tipo de problema, apresentará baixo nível de concentração, diminuindo sua capacidade perceptiva frente à estimulação bloqueada ou dificultando sua integração no ambiente escolar, comprometendo-se nos aspectos cognitivos e sociais.

Silva 1997 destaca alguns distúrbios emocionais que afeta a vida escolar do educando:

- **Psicose:** as crianças que apresentam este problema criam um mundo diferente, onde as pessoas do mundo real não participam, elas podem ouvir sons irreais e ver objetos imaginários, criando o seu próprio mundo.

- **Distúrbios psicofisiológicos:** são deficiências fisiológicas ocorridas em função de perturbações emocionais. O estado

- **Psiconeurose:** é a visão distorcida de alguns aspectos do mundo real, no qual a criança manifesta desejos absurdos e constrói castelos no ar. Frequentemente são crianças angustiadas, infelizes, e suas atitudes ineficientes. É uma consequência de atitudes imaturas e deformadas do “eu”, isto provém das relações defeituosas de pais e filhos.

Distúrbios de personalidade: é uma inadequação ou alteração da personalidade em função de uma constante tensão emocional. Frequentemente as crianças são tímidas e acreditam que o mundo está contra elas.

Distúrbios situacionais de personalidade: esta ligada a uma situação ocorrida, como a morte de um parente, a criança pode apresentar mudanças violentas de comportamento, acarretada por traumas ou angustias.

Em acordo com a autora estes são problemas que afetam a vida escolar da criança e todo o social, para lidarmos com as dificuldades de aprendizagens nós educadores precisamos refletir sobre as diversas possibilidades que podem estar prejudicando o desenvolvimento do aluno, pois com esta reflexão é possível pelo ou menos tornar a vida escolar da criança mais leve, buscando um bom relacionamento com todos, procurando aumentar a autoestima dos educando, assim como buscar ajuda dos fatores que não está ao nosso alcance como as causas que não nos compete, mas sim a outros profissionais como psicólogos e outros. A escola tem um papel muito amplo e que só pode dar certo se todos forem incluídos no processo

educacional, precisamos mais do que julgar causas no achismo, é necessário análise teórica e um bom relacionamento entre escola e pais.

Silva 1997, p.65, apresenta algumas características de crianças com distúrbios emocionais.

“1. Necessita de incentivo extraordinário para completar os trabalhos”.

2. É desatenta, indiferente e aparentemente desleixada.

3. Demonstra reações nervosas tais como roer unhas, chupar o polegar ou outros dedos, gaguejar, ser extremamente excitável, contrair os músculos, torcer os cabelos, limpar o ouvido ou o nariz ou arranhar-se, suspirar profundo e frequentemente.

4. É energeticamente excluída pela maioria das crianças sempre que há uma oportunidade.

5. Fracassa na escola sem razão aparente.

6. Falta à escola frequentemente ou não gosta muito dela.

7. Parece ser mais infeliz do que as outras crianças.

8. “É ciumenta ou excessivamente competitiva.”

Estas características são alguns sinais de alerta que os educadores devem ficar atentos, sabemos o quanto é difícil para nós educadores identificarmos certos problemas enfrentados pelas crianças, mas estes precisam ser detectados para que a criança possa receber ajuda se necessário de outro especialista quando for algo que não compete à escola.

As condições sociais segundo (Silva 1997. p. 85) pode favorecer para problemas emocionais, uma vez que a autora diz que “geralmente a crise econômica gera tensão nos casais e, provavelmente, muitas discussões e preocupações, as quais são transmitidas para a criança.” Em acordo com a autora a criança que vivencia um ambiente conturbado, cheios de preocupações e que não tem suas necessidades básicas supridas tende a levar suas angústias para a sala, sentindo dificuldade de progresso no seu desenvolvimento cognitivo.

Para Silva 1997, à família é essencial para o desenvolvimento da criança, para que ocorra progresso geralmente o indivíduo necessita estar em um meio favorável, onde este possa viver sua infância, pular, correr, jogar, etc., a criança que vive algum tipo de perturbações perde a grande magia desta fase, e acaba por experimentar preocupações que não deveria ser para ela, e dentro desta triste realidade ela não consegue separar o emocional da vida escolar.

Conforme aponta (MILLER E PAIXÃO 2006, p.57)

O discurso sobre a necessidade de se ampliar a relação entre a escola e a família está presente na mídia, constituindo-se em assunto dos profissionais da escola e de autoridades responsáveis por avaliação e por propostas de políticas de educação. Todos defendem a necessidade de as famílias colaborarem com a instituição escolar em seus objetivos e de esta se aproximar dos pais. Uma justificativa utilizada com frequência relaciona-se aos resultados pedagógicos dos alunos. A partir de dados e levantamentos e de pesquisas, afirma-se que o fracasso escolar é menor entre as crianças cujos pais acompanham o trabalho da escola.

A escola para vencer as dificuldades de aprendizagens necessita de um bom relacionamento com as famílias, acredita que, se a família for participativa da vida do educando terão melhores chances de alcançarem o desenvolvimento, mas segundo as autoras, esta relação é conflituosa, quando a família não corresponde o que a escola espera dela, então a família nem sempre faz parte das relações adequadas, os fracassos escolares das crianças muitas vezes é julgado como sendo por falta de acompanhamento dos pais. Para que os pais correspondam ao esperado pela escola segundo a autora, precisam ser socializados na lógica da escola, leva-los a entender como participar, como ajudar o filho, como contribuir para que a criança aja dentro dos padrões estabelecidos pela escola, suas regras.

Baseado em Miller e Paixão 2006, as famílias apresentam-se com diferentes arranjos, entretanto a escola tende a trabalhar com a ideia de que existe um arranjo familiar considerado mais adequado e que favorece um melhor rendimento do aluno, “aquele que vem de uma família desestruturada é mais propício ao fracasso”. Outro problema relatado pelas autoras é a mulher na família, sabemos que ao longo do tempo a mulher teve o seu espaço conquistado, hoje ela não cuida somente da sua casa e filhos, muitas mulheres ocupam diferentes trabalhos, e em muitas famílias elas são responsáveis pelo sustento dos membros que a compõe, e no que tange ao cuidado das crianças das camadas populares essas nem sempre consegue lhes oferecer segurança, ficando as crianças menores com irmãos mais velhos, mas que

também são crianças. Muitas delas, após a jornada de trabalho, além de executar as tarefas de casa, têm de conferir se os deveres de casa foram realizados.

Para as autoras a relação de confronto entre as famílias das classes populares são relevantes para uma análise, elas retratam o fato dos educadores dizerem que as crianças chegam à escola sem estarem “educadas”, e com esta afirmativa fica implícita uma desqualificação do modo de educar de suas famílias, segundo as autoras essa forma de pensamento é sem fundamento, pois todas as crianças entram na escola educada, socializada em padrões e referências que organizam a vida em seu meio familiar. Devido a esta relação de confronto, entre escolar e famílias populares que é possível dizer que o modo de socialização escolar se encontra mais próximo daqueles das camadas médias e da elite.

Para (PERRENOUD 1995, citado por MILLER E PAIXÃO, 2006) a criança é mensagem e mensageira, ou seja, é ela que passa através da sua ação o julgamento que a escola faz a família, de acordo com este autor, quando a criança corresponde aos estímulos dado pela professora esta tende a reagir positivamente no tratamento com esta criança, então através do aluno a escola avalia a família, avaliação esta que tem efeitos entre o professor e o aluno. Em encontro com este pensamento no que se refere às dificuldades de aprendizagens os educadores precisam saber avaliá-las e contribuir para que o aluno possa progredir avaliar a família através do aluno parece ser um meio para explicar as dificuldades e fugir da responsabilidade de educador, pois colocar toda a culpa no meio em que a criança esta inserida pode ser uma forma de estagnação, de descrença, incapacidade para buscar solucionar o problema.

Sabemos que as dificuldades de aprendizagens existem e são diversos fatores que as explicam, mas, contudo nem todas as impossibilidades de aprendizagens esta relacionada a algum tipo de problema neurológico ou emocional, mas também pode ser acarretada pelos erros metodológicos utilizados pelos educadores, por isso a escola comprometida com a qualidade deve rever a sua ação, e estar constantemente refletindo e formando e informando os seus profissionais para alcançarem melhores índices de aprendizagens.

Problemas físicos da escola também podem de acordo com Silva 1997, prejudicar o desenvolvimento das crianças, como construções inadequadas,

propiciando ecos, podem atrapalhar na concentração, e na adaptação. As superlotações da sala podem ser motivos de poluição sonora, causando certo desgaste para o aluno, a posição da quadra de esportes é um fator que pode tirar a atenção do aluno se houver barulho. Os posicionamentos dos funcionários da escola, pensamentos e comportamentos se não forem vistos pelo aluno como positivo também é um forte meio para gerar transtornos fazendo com que o aluno tenha uma postura de rejeição, dificuldades para adaptar ao meio escolar. E dentro desta visão podemos perceber o quanto é amplo as causas que podem gerar dificuldades de aprendizagens, não é algo que se define que nos permite de imediato apresentar um diagnóstico, mas sim algo que está presente nas escolas que sofre julgamento na maioria das vezes como problemas sociais, mas que na realidade podem se apresentar devido a diferentes causas.

. Analisando todos estes comportamentos apresentados pela criança podemos dizer que ser educador é uma profissão que exige muito preparo pedagógico, a educação deve ser levada a sério por todos os envolvidos desde formação acadêmica e continuamente pela escola, estado e municípios.

Baseando-se no programa nacional do pacto, (PNAIC) Iniciativa do governo federal, em parceria com municípios e universidades que visa oferecer formação continuada a professores alfabetizadores podemos através desta ação de formação continuada concluir que o programa surgiu como uma ferramenta para vencer a dificuldade de leitura e escrita das crianças, desta forma cria se uma meta a serem alcançados, os educadores participa dos encontros de formação e aplicam as atividades ao aluno, os resultados das atividades são registrados e analisados. Esta iniciativa é um ponto positivo, pois é um meio de descontinuar a nossa triste realidade educacional, onde muitas crianças não aprendem a ler na idade certa.

Para tratarmos das dificuldades de aprendizagens é necessário que evidenciemos os fatores psiconeurológicos, e de acordo com (Novaes, M.H, Psicologia Escolar- vozes, p.230, apud Silva 1997, p. 127) os principais são:

“**Agnosia:** é a incapacidade de interpretar o significado das sensações recebidas pelo sistema nervoso, dependendo da área senso-perceptiva envolvido; pode se distinguir diferentes níveis tais como: Agnosia auditiva, Agnosia visual etc.

Apraxia: são perturbações que envolvem o sistema expressivo. Podemos identificar: apraxia ideomotora- a criança portadora desta disfunção é capaz de elaborar intelectualmente uma tarefa a ser executada, no entanto é incapaz de realizá-la; apraxia ideativa a criança consegue fazer a tarefa através da imitação, porém é incapacitada de elaborá-la intelectualmente.

Discalculia: é a incapacidade de elaborar cálculos. As causas podem ser variadas, tais como: a dificuldade por aprender os conceitos numéricos, o que pode resultar em cálculos incorretos.

Disgrafia: é a deficiência da escrita. É importante observar que a grafia se relaciona ao ato motor da escrita; portanto, a disgrafia implica em escrita deformada e ininteligível.

Dislexia: são trocas, omissões ou inversão de letras.

Baseando em Silva 1997, é possível dizer que a criança deposita uma grande expectativa sobre o professor, ela constrói uma imagem de idealização, um modelo a seguir, elas esperam um educador afetivo e quando estas sentem carência afetiva busca no professor o preenchimento deste espaço, este é um agente socializador, as crianças buscam informação e formação e para elas ele é o detentor do saber, e por este motivo criam uma postura de veneração, ou seja, “aquele que sabe” e quando este corresponde às expectativas fascina o mundo infantil, e sendo a relação de ambos saudáveis resultará num escolar satisfeito.

E parafraseando esta análise de Silva, é necessária uma ampla reflexão diária como educador, realizarmos perguntas para nós mesmos, que educador sou, qual quero ser, o que impõe o tempo todo para não ser visto como permissível, ou aquele que busca participação, interação, envolvimento de todos, estímulos com atividades diferenciadas e admiração das crianças que demonstram a aceitação através de um abraço, um sorriso ou o medo como postura de respeito, estas são algumas análises que temos que fazer, a fim de que as crianças possam se sentir mais felizes e adaptadas no ambiente escolar, este ambiente tem a capacidade de ser visto por elas como positivo e negativo, e que também é de responsabilidade do gestor e de todos os membros construir uma visão positiva da escola.

Após termos apresentado alguns fatores que acarretam as dificuldades de aprendizagens como os sociais e os neurológicos criaram o capítulo seguinte para explicitarmos a ação pedagógica realizada na turma a qual se refere o referido trabalho, lembrando que as atividades que foram desenvolvidas serão analisadas teoricamente.

CAPÍTULO III

3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O FAZER PEDAGÓGICO

Para a realização da pesquisa os alunos tiveram contato com leituras diversificadas, livros, cartazes expostos para que possam assimilar os desenhos aos sons e assim memorizar diferentes sons, jogos que envolvem leitura e raciocínio lógico também fizeram parte do processo. Todos os dias foram realizados uma hora de leitura, neste momento e nas outras atividades os alunos que estão alfabetizados ajudaram os demais alunos. A fim de aumentar o interesse das crianças, diversas atividades são aplicadas de forma lúdica, aproveitando-se de jogos de memória, ditados divertidos, produção de textos coletivos, utilizando figuras e objetos concretos, realização de leituras executadas pelo professor de diferentes gêneros, jogos matemáticos e confecções de cartazes com a participação do aluno. As crianças têm participado com interesse das aulas, elas demonstraram que se sentem motivadas, gostam de participar, embora as que apresentam dificuldades não tenham desenvolvido de acordo com o esperado para a fase, elas vem tendo certo progresso.

Segundo (ROJAS 2007, p. 37) “a ludicidade é comunicação da vida, do sentir, do fazer brotar e reviver o velho no novo. A prática lúdica é presença na ação e direção pedagógica em que se vai modelando e re-significando o real, na arte-magia de ser, de pensar, de sentir”. Em acordo com a autora propiciar atividades interessantes que motiva o aluno é uma rica oportunidade de enriquecimento da aprendizagem, desenvolvendo novas possibilidades de valorizar o sujeito, aquele que participa do seu processo de aprendizagem.

(ROJAS 2007 p. 38), enfatiza que:

Ao trabalhar com a criança devemos buscar o movimento do ato pedagógico entre o “pensar e o fazer” num construir impregnado de significados, pela coragem, iniciativa e ousadia em realizar. Construções que permitam o conhecimento das partes e o sentido do todo. [...]

Ressaltando o exposto pela autora é interessante trabalharmos de forma contextualizada, permitir que a nossa ação pedagógica seja uma janela aberta para o mundo, que leva o aluno a enxergar um todo organizado, uma interpretação real das coisas.

O educador para estimular os aprendizes precisa ser criativo e para (ROJAS 2007, p.39)

A criatividade pode direcionar práticas, que tem como centro a alegria de aprender, como se a sala de aula fosse um circo. Por isso, é importante que os educadores se organizem em planejamentos diferentes, participativos e interdisciplinares, com a criação de ambientes estimulantes e desafiadores.

A organização da sala, o planejamento diferenciado e principalmente a relação estabelecida nesse ambiente entre alunos e educador pode tornar as aulas mais interessantes propiciando um fazer pedagógico com grandes chances de sucesso.

A ação a qual alunos que já compreenderam o processo ajudam os que estão em progressão é um meio para facilitar a aprendizagem. E esta ação é o que (Vigotsky 1991) denominou de zona de desenvolvimento proximal, desperta vários processos internos capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente, e quando em cooperação com seus companheiros. De acordo com este pensador o educador e os outros alunos que já desenvolveram determinados conceitos podem contribuir com os que ainda não conseguiram, pois a criança aprende em contato com o adulto, ou com outra criança que já tenha assimilado o conceito a ser internalizado.

Segundo (Santomauro 2012) em cada caso utilizamos uma forma de ensinar adequado às necessidade do aluno. Segundo as características de cada um, estabelecemos um tipo de atividades que constitui um desafio alcançável, mas um desafio, e, depois, lhes oferecemos a ajuda necessária para superá-lo.

Podemos dizer que nem todos aprendem da mesma maneira, e que por isso o educador deve apresentar as explicações de diferentes maneiras, e quando não há uma nova maneira para contribuir com a aprendizagem desta criança tende a ficar para traz. Para Santomauro 2012, p.45, admitir a heterogeneidade como uma característica não é o mesmo que lidar com ela na prática e sendo assim muitos questionamentos permeiam o dia a dia de quem ensina. Em acordo com a autora precisamos compreender a nossa turma, as diferenças na prática, termos estratégia para trabalharmos de acordo com a necessidade de cada aluno, queremos que todos desenvolvam na mesma proporção, mas enquanto educadores temos que aceitar que cada aluno apresenta suas diferenças, e que termos somente uma forma

de ensinar é trabalhar com um grupo e deixar os outros a mercê da própria sorte. Enquanto docentes devemos acreditar no nosso trabalho, passar confiança aos nossos alunos, oferecer novas possibilidades, buscar formas diferenciadas para que o aluno tenha um novo olhar sobre algo que ele não compreendeu.

Baseado em Berenblum 2009, a leitura deve permear as nossas escolas, devemos ler para os nossos alunos, oferecer livros para os mesmos lerem, ainda que os alunos não estejam alfabetizados precisam ter contato com diferentes gêneros textuais, os alunos que sabem ler em uma determinada turma poderão ajudar o outro, perceber a importância do ato de ler contribui para a ação desta prática.

Berenblum 2009, p. 23 diz que:

A leitura como prática sociocultural deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais e não exclusivamente escolarizadas, entendida como prática restrita ao ambiente escolar. Portanto pensar políticas de leitura extrapola o âmbito da escola- como locus e como função, mas sem dúvida não pode prescindir dela, inclusive por ser a instituição pública das mais democratizadas- pela qual quase todos recentemente conseguem chegar e passar ainda que em muitos casos, descontinuamente e sem sucesso.

É na escola que muitas crianças têm contato com o mundo da leitura, e elas podem folheá-los até mesmo antes de dominar a leitura da escrita, cabe a nós professores estimular o ato de ler. Segundo Rosa 2014, “é na escola que as mediações precisam ser cada vez mais qualificadas. O mediador é a referência para as crianças, para seus pais e até mesmo para a sociedade, que confia em seus saberes”.

Para vencer as dificuldades de aprendizagens na turma do quarto ano da escola Vinicius de Moraes do Município de Colniza, oferecemos leituras, produções de texto e brincadeiras com palavras e sílabas.

E Possari e Nader 2005 p. 52, afirma que “ao invés da cópia, o ideal é colocar o aluno em situação de interlocução para produzir seu texto pragmaticamente. Isso mesmo que ele ainda não saiba grafar. (...)”.

Baseando em Possari e Nader 2005, na fase do letramento é importante deixar a criança “brincar” com palavras e sílabas, pois elas vão descobrindo, se encantando, sem qualquer compromisso com os sentidos. Esta é uma rica atividade

para a criança formar hipótese, agrupar, organizar e de aprenderem com outras crianças que já sabem.

Quanto ao ditado que também é uma atividade que tem sido bastante aplicada, Possari e Neder dizem que: o ditado não ensina a escrever. Ele é uma forma que o professor poderá utilizar também como diagnóstico da fase em que se encontra o alfabetizando, suas dificuldades. (...)

Segundo (BRASIL 1997, p. 55)

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em som, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Refletindo sobre o citado podemos dizer que o aluno à medida que vai aprendendo os signos, ele também poderá realizar a ação da interpretação, pois os nossos alunos precisam vivenciar ações pedagógicas capazes de levar o aluno a pensar, uma palavra apresentada ao aluno é algo inserida em um meio todo organizado, e que por isso têm suas características e função.

Com base em Possari e Neder 2005, para aprender ler o professor deve oferecer várias informações textuais, ser o principal mediador, mais não o único em salas tão cheias que às vezes não consegue atender a todos, e desta forma ela poderá agrupar os alunos e os que sabem vão sendo um adicional para que o professor não seja o único informante da turma. Segundo as autoras para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem.

Segundo Brasil 1997, p. 83, (...)

Os textos mais adequados para a leitura inicial são as quadrinhas, parlendas e canções que, em geral se sabe de cor; e; no segundo as embalagens comerciais, os anúncios, os folhetos e demais portadores de textos que possibilitem suposições de sentido a partir do conteúdo, da imagem ou foto, do conhecimento da marca ou do logotipo, isto é, de qualquer elemento do texto ou do seu entorno que permita ao aluno imaginar o que poderia estar aí escrito.

Em acordo com Brasil 1997, nossa sala de aula é um ambiente que deve ser um verdadeiro convite a leitura, os rótulos, os logotipos, e outros fazem parte do cotidiano do aluno, esses podem ser utilizados para aproveitar a leitura que o aluno

já fazem dos mesmos, ou seja, ao ver eles já sabem as marcas, como: coca cola, Omo, entre outros e nós educadores podemos usufruir deste conhecimento como uma rica atividade de leitura. Expormos cartazes com parlendas, e outras possibilidades de leitura enriquece a sala de aula, e demonstra o interesse do professor.

3.1 A MATEMÁTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES

As atividades matemáticas são em muitos casos considerados difícil pelos alunos, que podem não gostar da aula, apresentar certa rejeição, desinteresse por falta de compreensão. Segundo (REIS 2005) “A aversão a matemática é descrita pela academia Brasileira de Psicologia pelo medo mórbido irracional, desproporcional, persistente e repugnante de números ou da matemática. ” Considerando a visão que muitos alunos têm em relação à matemática é preciso que o educador seja motivador, desempenhe uma boa relação com os alunos, e seja criativo para fazer comparações com o cotidiano, aproveitando as suas experiências de vida e os ajude a participar de meios concretos que provoca interesse, prazer, prática e aprendizagem. (O GRIFO É NOSSO.)

E segundo (BRASIL, 1997, p.19)

-No ensino de matemática, destacam-se dois aspectos básicos: um consiste em relacionar observações do mundo real com representações (esquemas, tabelas, figuras); outro consiste em relacionar estas representações com princípios e conceitos matemáticos. Nesse processo, a comunicação tem grande importância e deve ser estimulada, levando-se o aluno a “falar” e a “escrever” sobre matemática, a trabalhar com representações gráficas, desenhos, construções, a aprender como organizar e tratar dados.

Desta forma o aluno relaciona as atividades matemáticas com outros objetos, relaciona com outras disciplinas, e principalmente estabelece relações com seu cotidiano, e à medida que vai progredindo consegue assimilar novos conceitos matemáticos com estrutura mais complexa. Sabendo da importância da matemática na nossa vida diária o educador poderá aplicá-la de diferentes formas, pois esta oferece possibilidades que vão além dos conteúdos de uma cartilha ou livro. E nesse sentido, (BRASIL, 1997, P.20,) Diz que:

Recursos matemáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, eles precisam estar integrados a situações que levem ao exercício da análise e da reflexão, em última instância, a base da atividade matemática.

Em acordo o educador precisa estar preparado para apresentar diferentes meios para que possa propiciar desenvolvimento, e tornar suas aulas mais interessantes.

Sabemos que trabalhar com conteúdos matemáticos como outra disciplina requer criatividade, ofertar jogos, possibilidades lúdicas onde às crianças brincam e aprendem podem fazer um diferencial no interesse e apropriação do conhecimento da criança. (E neste sentido Brasil 1997, p. 24) fala que:

Partes dos problemas referentes ao ensino de matemática estão relacionadas ao processo de formação do magistério, tanto em relação à formação inicial como à formação continuada. Decorrentes da formação de professores, as práticas na sala de aula tomam por base os livros didáticos, que, infelizmente, são muitas de qualidade insatisfatória. A implantação de propostas inovadoras por sua vez, esbarra na falta de uma formação profissional qualificada, na existência de concepções pedagógicas inadequadas e, ainda, nas restrições ligadas às condições de trabalho.

De acordo com o citado os educadores precisam rever sua postura como educadores, estarem abertos a novas propostas, pois apenas o livro como ferramenta de trabalho é insuficiente, principalmente quando este é de qualidade insatisfatória. Para termos sucesso como educador, necessitamos estar motivados, pois sabemos das grandes dificuldades que enfrentamos, mas, contudo, é perceptível em nosso meio que os educadores que oferecem diferentes materiais, que envolvem os alunos, são os que atingem melhores resultados.

O trabalho matemático deve se apresentar também de forma interdisciplinar, pois aparece em todas as áreas do conhecimento, e como prova desta afirmativa, Brasil 1997, p. 33 coloca que: “a compreensão das questões ambientais pressupõe um trabalho interdisciplinar em que a matemática esta inserida (...), (reciclagem e reaproveitamento de materiais, por exemplo) ”.

Considerando o exposto as atividades matemáticas podem ir muito além dos livros, valorizá-las nos projetos, fazer a Inter-relação com os objetos de estudo, passeios, excursões, receitas, experiências entre outras que podem surgir no nosso planejamento de acordo com o projeto a ser aplicado, são fatores que podem valorizar a ação de um fazer pedagógico diferente, onde alunos e educador desenvolvem uma ampla relação de aprendizado e de trocas. Oferecer novos meios, enxergar amplamente, planejar buscando diferentes materiais, envolver os alunos com ações diferenciadas pode ser a garantia de aprendizagens.

CONCLUSÃO

A pesquisa foi satisfatória, pois houve observação e intervenção nos casos de dificuldade de aprendizagem, com a realização de diversas atividades diferenciadas foi possível estimular o interesse dessas crianças, elas demonstraram maior interesse pelos conteúdos, envolveram-se no processo de aprendizagem, os objetivos foram atingidos, não no sentido de afirmar que nesse pouco tempo estes alunos foram alfabetizados, mas que estes alunos estão desenvolvendo, gostaram das atividades diferenciadas, participaram e demonstraram prazer em estar na escola.

De acordo com a pesquisa foi detectado que as dificuldades de aprendizagem apresentados pelos alunos está ligado ao desinteresse, falta de participação das famílias, mas principalmente por falta de recursos pedagógicos eficazes, diferenciados que envolvessem estes alunos, que os motivasses, despertasse o interesse e a participação nas atividades.

Desta forma é possível afirmar que as dificuldades merecem atenção especial, valorizar as diferenças de cada aluno. Compreender que muitos são os fatores que podem influenciar na aprendizagem, conhecê-los é um fator determinante para a nossa ação e devemos buscar ajuda para o aluno juntamente com a escola e a família, encaminhando se necessário ao especialista, contudo nós educadores não podemos usar o que se apresenta como influência para as dificuldades de aprendizagens, para acomodação do fazer pedagógico, valorizando somente os que não apresentam dificuldade. De acordo com as teorias analisadas são diversos fatores que prejudicam o processo de desenvolvimento do aluno, mas, no entanto, também há os erros pedagógicos na execução do trabalho com os alunos que precisam de uma forma diferenciada para a assimilação dos conteúdos.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi, Ester Calland de Souza Rosa, **Discutindo práticas pedagógicas** ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BAROUKH, Josca Aline, **interações com olhos de ler**. São Paulo: Blucher, 2012.

BERENBLUM, A Andréia, **Por Uma Política De Formação De Leitores**. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de educação básica, 2009.

Brasil, Ministério da Ed. **O processo de Aprendizagem dos alunos e professores**. Brasília 2006.

CARDOSO, Bruna Puglisi de Assumpção, **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**, SP. Ed. Anzol, 2012 .

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita** Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p

MULLER, Maria Lucia Rodrigues e Lea Pinheiro Paixão, **Educação diferenças e Desigualdades**: EdUFMT, 2006.

POSSARI, LÚCIA Helene Vendrúsculo Maria Lúcia Cavalli Neder, linguagem. **O ensino o entorno, o percurso**. Cuiabá, EdUFMT, 2005.

ROJAS, Jucimara, **Jogos Brinquedos e Brincadeiras**. Cuiabá, 2007.

RAMOS, Rogério de A raujo. **Dicionário Didático de língua Portuguesa**. Ed. São Paulo 2011

SANTOMAURO, Beatriz. **Cada um é um e agora?** Revista escola setembro 2012 turma heterogênea. Ministério da Educação PNBE Periódicos 2012.

.SILVA, Maria Cecília da. **Aprendizagens e Problemas**, Sp. Ícone, 1997.

TEIXEIRA, Anísio Spinóla, 1900-1971. **Educação é um direito**, Ed. UFRJ, 2004.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo**. Disponível em: <WWW.crmariocovas.sp.gov.br> acesso em: 24/08/2015.

REIS, Rodrigues dos Reis, **Rejeição a Matemática: Causas e Formas de Intervenção**. Disponível em: <WWW.ucb.br.> Acesso em 28/08/2015

LIMA, Sandra Vaz. **Fatores que Influenciam na Aprendizagem**. Disponível em: <WWW.Weberartigos.com.> acesso em: 22/09/2015.